



Amar e Trabalhar na Europa

Seminário Internacional
Lisboa | ISCTE
14 e 15 Fevereiro 2008

Sessão temática: Relação trabalho-família: práticas, significados e conflitos latentes

Pressões desiguais do trabalho e da família: conflitos latentes

Inês Cardoso, Anália Torres, Rui Brites, Bernardo Coelho





■ Objectivo

Perceber as tensões entre trabalho e família na Europa

- Pressão do trabalho na família
- Divisão do trabalho doméstico

■ Questões

Os europeus sentem-se pressionados pelas responsabilidades do trabalho?

Estas sobrepõem-se ao tempo que têm para a família?

Será que existem diferenças de género na altura de assumir essas situações de pressão ou homens e mulheres assumem estas situações de igual forma?

Os padrões de divisão das tarefas domésticas varia entre os países europeus?

A insatisfação relativa a essa divisão é fonte de conflito?

■ Dados Base

Dados do ESS 2002, ESS 2004 e Eurobarómetro 2003

Análise de entrevistas realizadas a casais em várias regiões de Portugal



...

De onde partimos - reflexões teóricas

- **Conflito trabalho-família**
 - Longos horários de trabalho como factor de stress
 - Mas part-time encarado com relutância

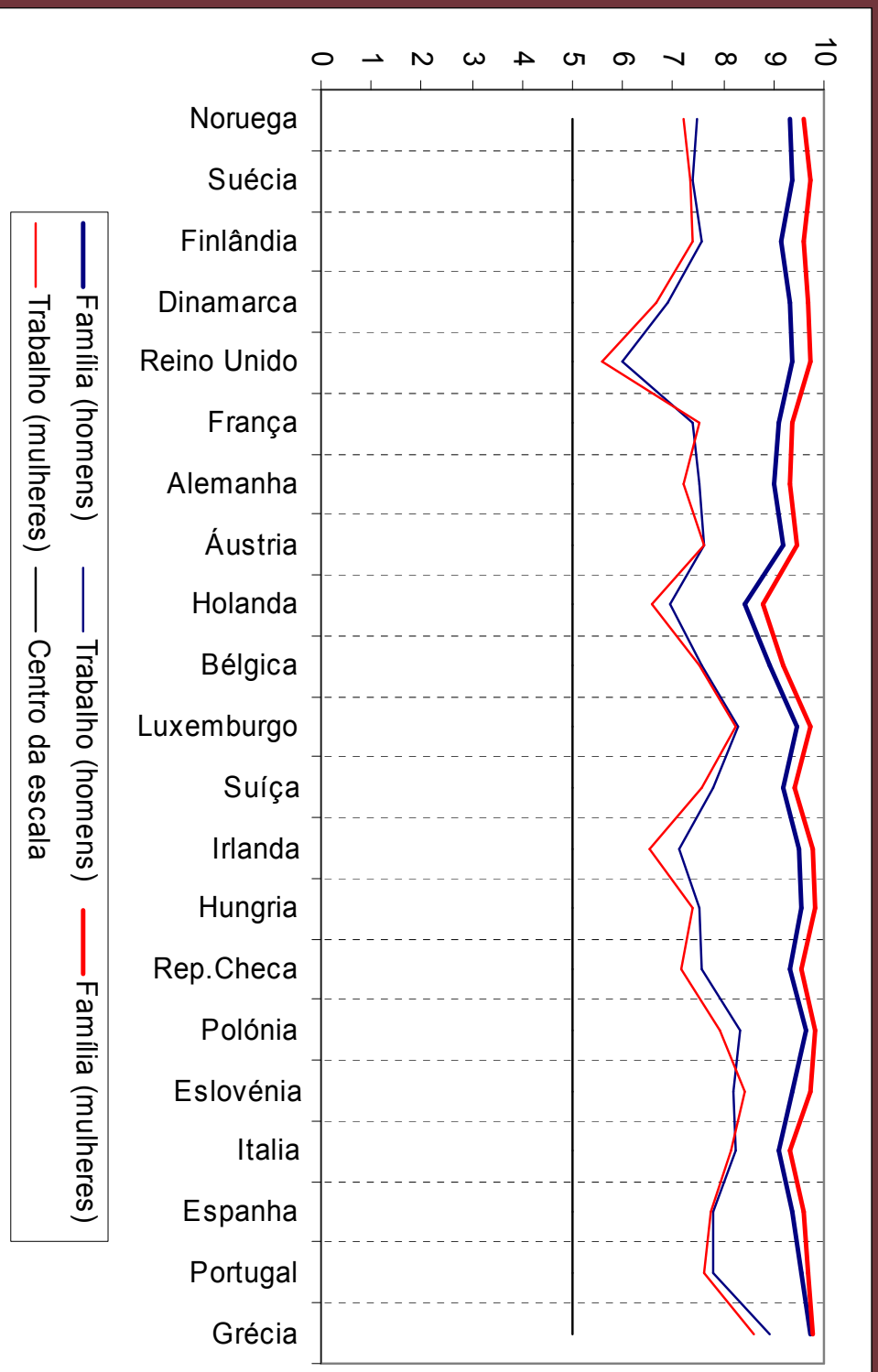
- **Divisão do trabalho doméstico**
 - Movimento de mudança de representações mais tradicionais para representações mais igualitárias (Wall, Sullivan)
 - Persistência da associação entre o género feminino e o *care* - menor reconhecimento social (Lewis, Singly)

...

Divisão do trabalho doméstico (cont.)

- Manutenção da assimetria entre homens e mulheres (Amâncio)
- A redução do tempo das mulheres não tem sido acompanhado por um igual aumento do tempo dos homens
- Mecanismos de legitimação da desigualdade, quando o princípio da igualdade é assumido por todos
 - Vida privada enquanto palco de sexualização
 - género enquanto elemento de dominação e simultaneamente de identidade sexual (Singly)
- Rejeição da conflitualidade originada pela injustiça
 - Resistência determinada pelo grau de identificação com as normas e valores

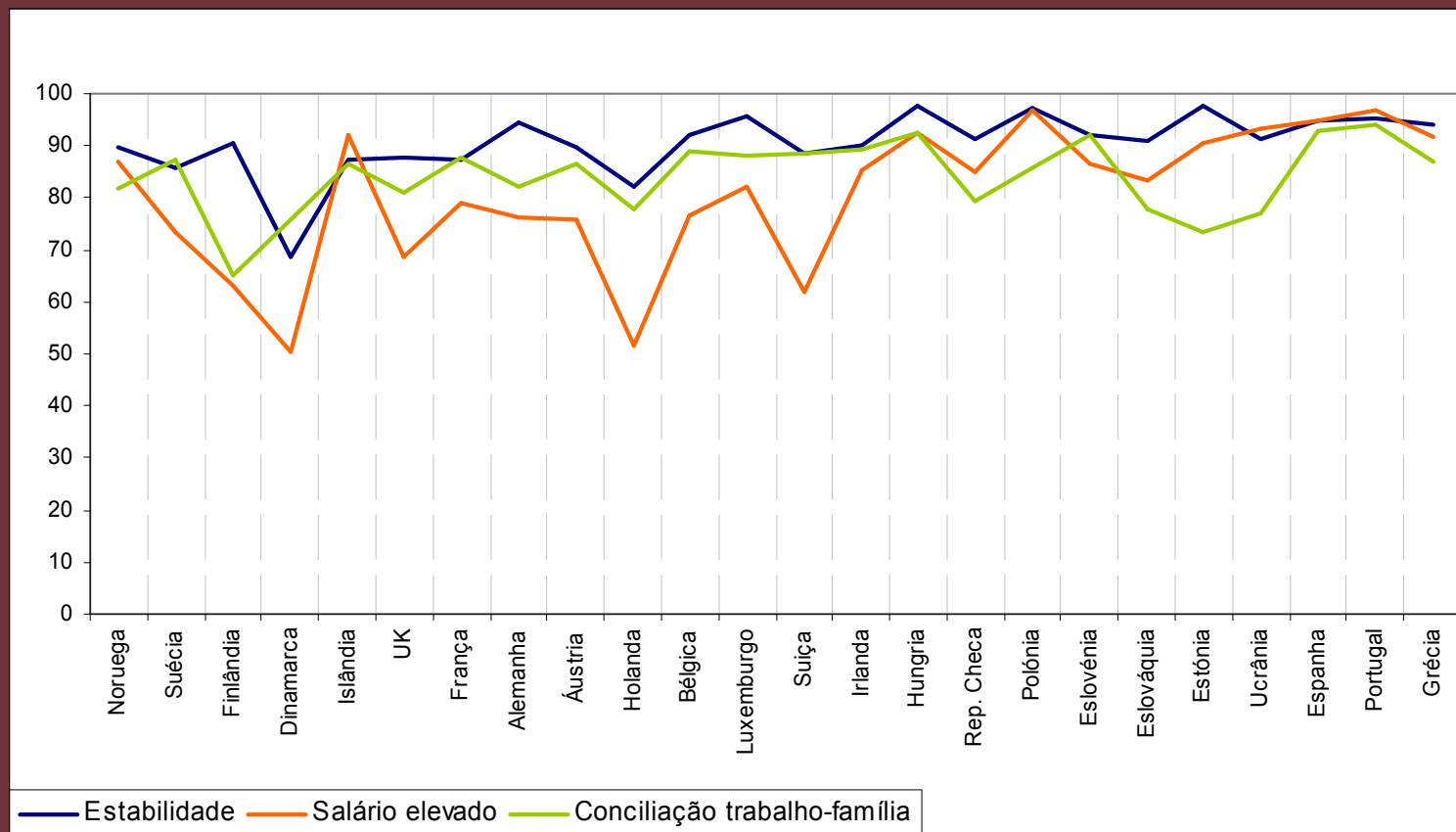
... Importância do Trabalho e da Família



ESS 2004

... Importância atribuída a vários factores na procura de trabalho

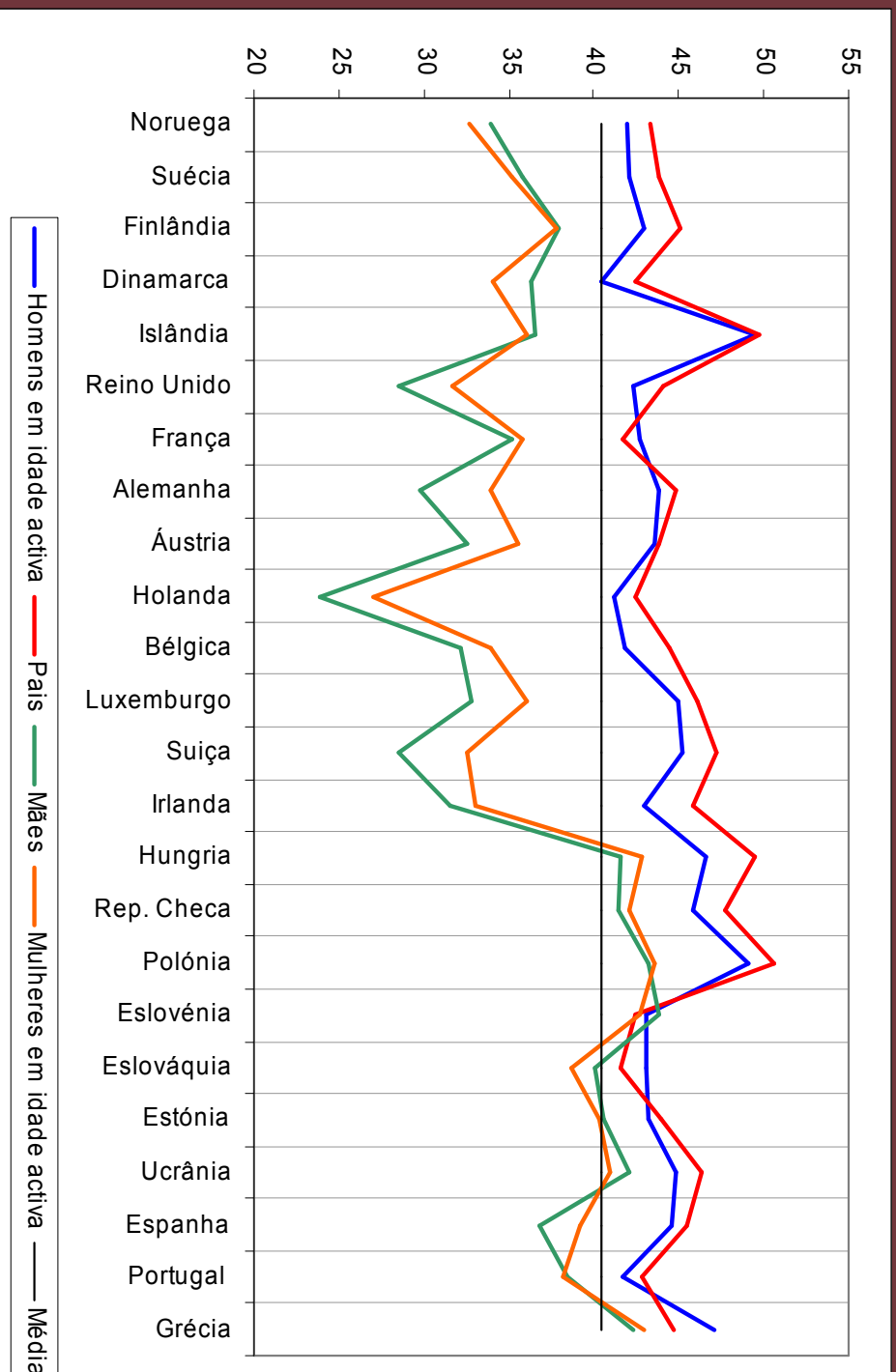
Porcentagem



ESS 2004

Aqueles que consideram “importante” + aqueles que consideram “muito importante”

Horas de trabalho

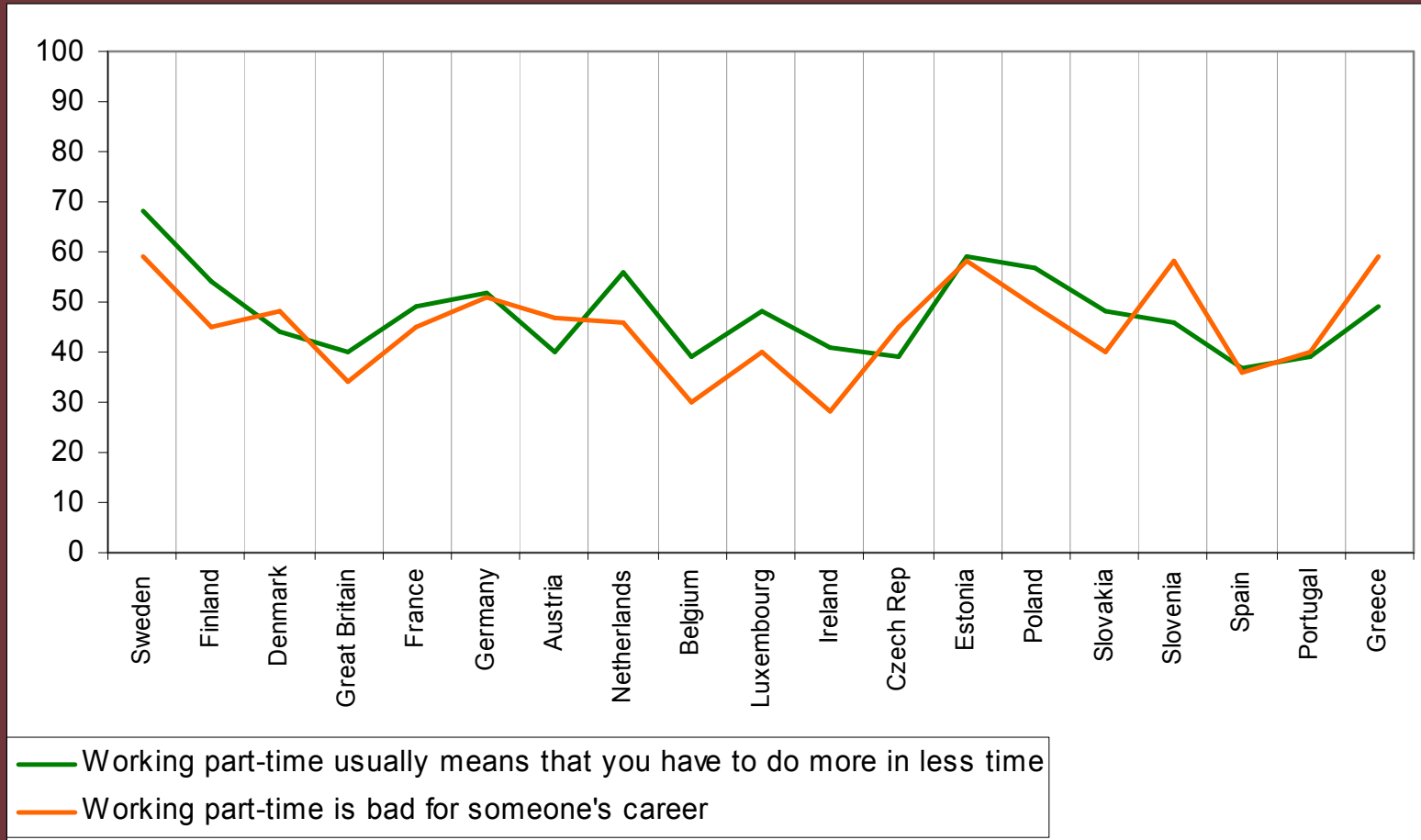


ESS 2004

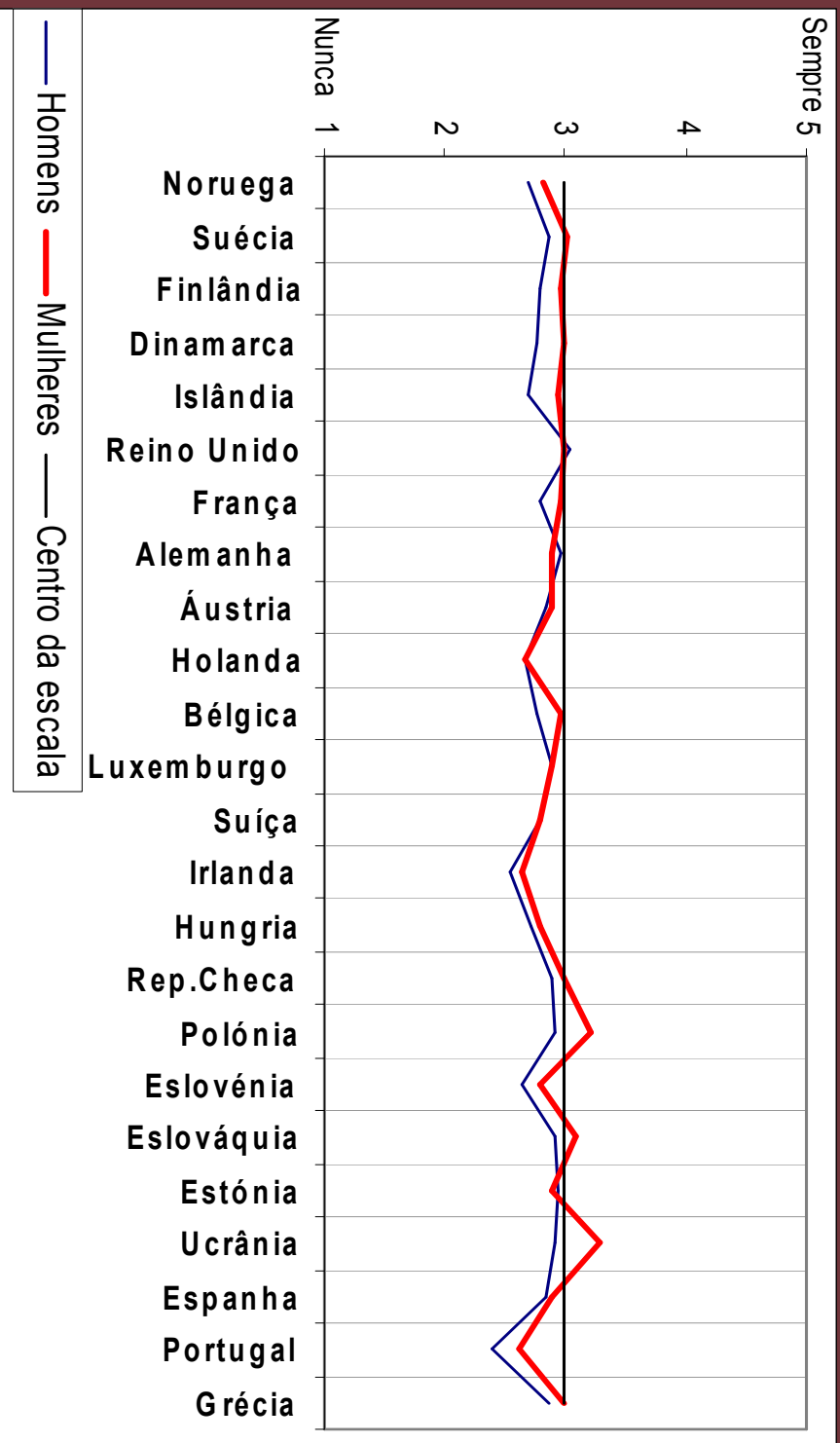
País e mães de crianças até 12 anos de idade

Opinião sobre o part-time

Percentagem

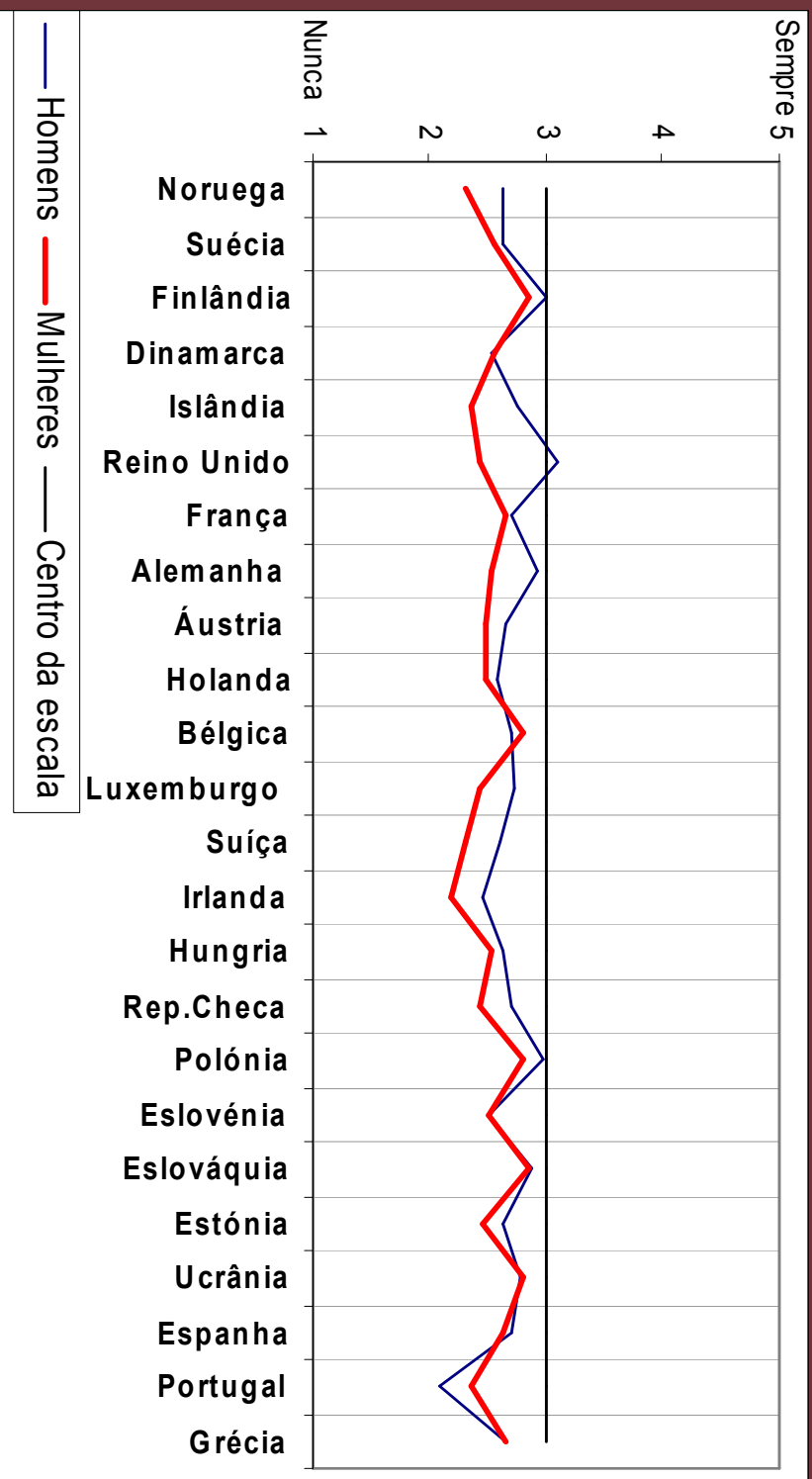


...
“Sentir-se tão cansado depois do trabalho que
não consegue tirar proveito das coisas que
gostaria de fazer em casa”



ESS 2004

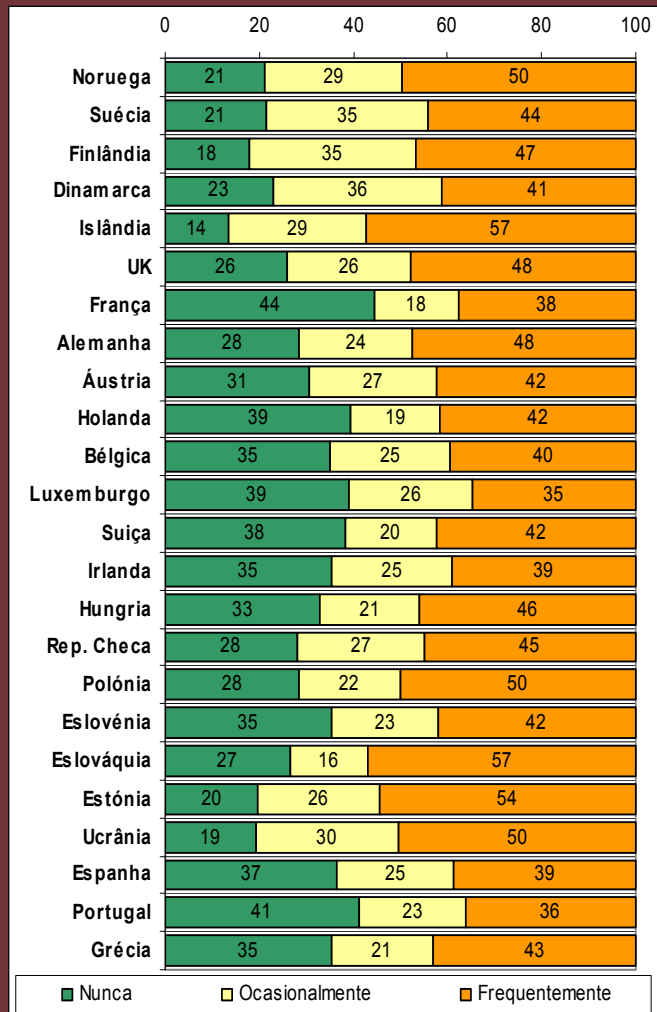
... *“Chegar à conclusão que o seu trabalho o(a) impede de dedicar o tempo que gostaria ao seu cônjuge/companheiro(a) ou família”*



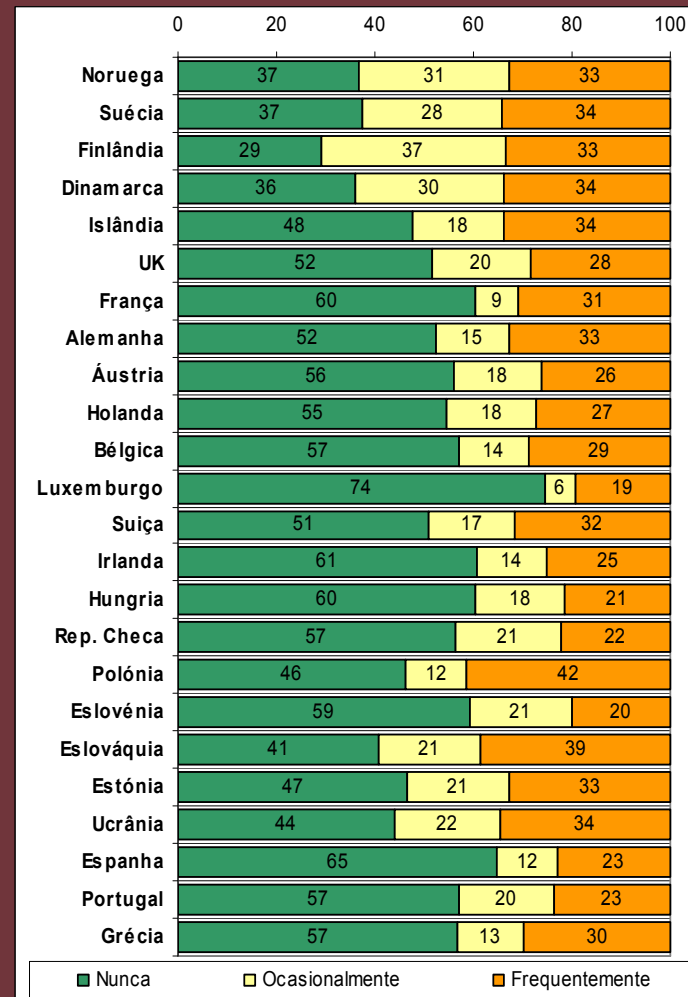
ESS 2004

Índice de Trabalho fora de horas

Homens

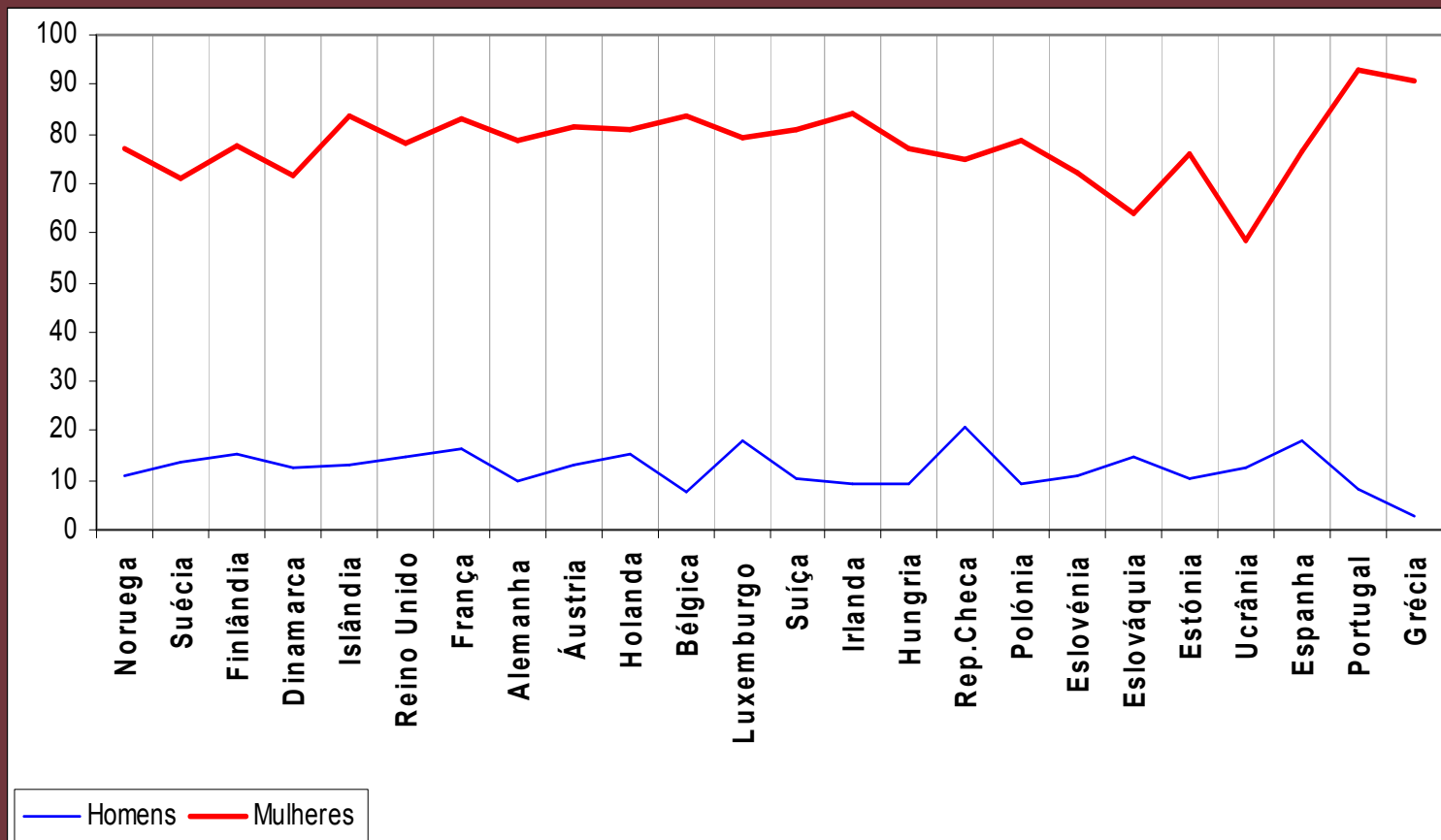


Mulheres



Divisão das tarefas domésticas

Percentagem



Pessoas que afirmam trabalhar mais de metade do total de tempo dedicado pelo agregado às tarefas domésticas, num dia normal de semana

Satisfação com várias esferas da vida

Por fase da vida e por sexo

Porcentagem

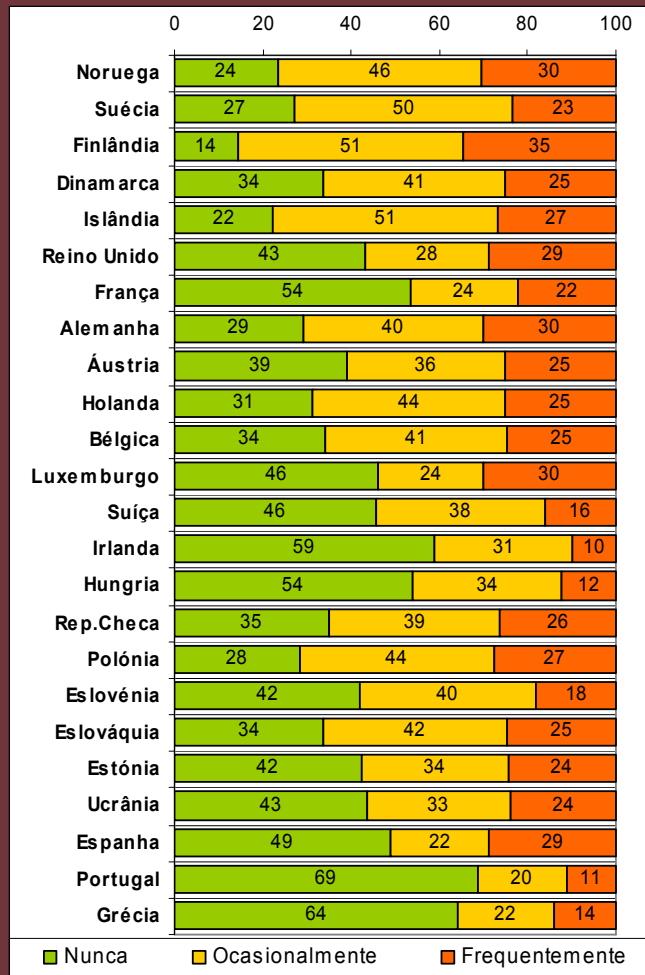
	Childless up to 35 years old		Pre-school/ school children		Childless 36-50 years old		Childless > 50 years old		Total	
	Men	Women	Men	Women	Men	Women	Men	Women	Men	Women
Hours spent on paid work	69	69	65	73	69	67	70	73	68	70
Hours spent on household tasks	61	65	66	61	68	64	68	71	65	64
Hours spent on training, studies, courses*	66	66	66	67	73	71	71	74	68	69
Division of household tasks*	87	79	86	69	89	68	89	74	87	71
Own free time	73	65	59	53	68	59	74	67	67	60
Financial situation	56	53	54	54	57	52	63	58	57	54

*As this option was not applicable for a significant number of respondents we analysed only the valid cases.

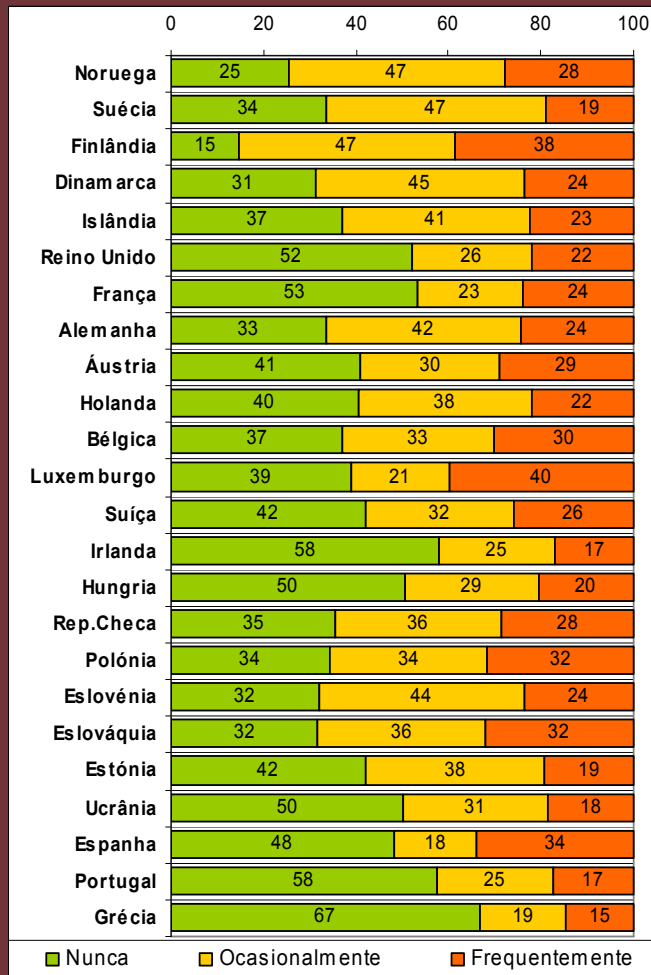
Fonte: Time use and work-life options over the life course (2006) – retirado do Eurobarómetro 2003

... Desacordos no casal devido à divisão das tarefas domésticas

Homens



Mulheres



O Caso português

De uma maneira geral, transversalmente a todas as origens geográficas e sociais encontrámos a expressão do desejo de trabalhar menos horas

No caso dos homens, queixas relativas à falta de controlo sobre o seu tempo

“Olhe é assim, em relação à profissão dele acaba por influenciar mais a nossa vida familiar, porque ele acaba por estar quase sempre de serviço. Porque quando eu venho, quando saio, saí. Ficou lá o trabalho. E quando trago trabalho para casa faço-o quando eu quiser, à hora que eu quiser. Com ele não é bem. Às vezes estamos a jantar, o telefone sempre a tocar.”

(Adriana Neves, 42 anos, enfermeira, Leiria)

“Não pode haver equilíbrio quando nós praticamente somos obrigados, e obrigados é a palavra correcta, a passar mais tempo fora do que em casa. Se eu pudesse fazer alguma coisa fazia, ou seja, o tempo entre trabalho e família se pudesse dividir 50 e 50 era o ideal”.

(Leonardo Neves, 45 anos, engenheiro electrotécnico, Lisboa)

No caso das mulheres, o lamento da ausência masculina na gestão das responsabilidades familiares

“Eu penso que ele está sobrecarregado lá no trabalho dele e eu no fundo também estou sobrecarregada com a família, com os filhos e com a falta dele em casa, porque às vezes dava-me jeito que ele saísse um pouco mais cedo para estar ... porque eles são terríveis para aturar. Mas também contra isso não há nada a fazer por enquanto, porque se ele vier mais cedo também é mais complicado, menos dinheiro vem e mais difícil é gerir”.

(Júlia Jesus, 44 anos, doméstica, Leiria)

“Eu sei que o meu marido gosta muito dos filhos, mas eu acho que, estou a falar no nosso caso, ele consegue desligar um bocadinho mais dos filhos do que eu. (...) Nós somos mais obcecadas pelos nosso filhos, estamos sempre mais preocupadas. Também temos um papel muito ingrato não é? Pelo menos no meu caso, porque eu trabalho e tenho que depois pensar na comida, pensar nisto, pensar naquilo e o pai, por muito que nos ajude, que ele ajuda-me, mas tem sempre muitos trabalhos e está um bocadinho mais ausente nessas coisas”

(Carolina Arroiteia, 33 anos, contabilista, Leiria)



Divisão do trabalho doméstico

Assimétricos tradicionais; Assimétricos atenuados; Iguais

Tendência geral para uma assimetria atenuada, com inclinação tradicional

"Sinto-me às vezes um bocado culpado, sei que não está correcto, mas enfim... sempre foi assim" (Ricardo Almeida, 43 anos 12º ano, patrão pequena empresa de calçado, Porto)

"Eu faço comer, eu se for preciso lavar a loiça eu lavo a loiça (...) fazer camas, não faço camas, não me ajeito para isso (...) Mas fins-de-semana, por exemplo, sou eu que faço o almoço ou o jantar, mas aos fins-de-semana também é à base de grelhados (...) O que é que ela faz? Faz tudo em casa. Ela faz tudo e eu ajudo a fazer tudo". (Hermínio Matias, 41 anos, encarregado de armazém, Leiria)

"Ela talvez faça um pouco mais, mas em geral ajudamo-nos mutuamente em quase tudo.. E depois temos a empregada o que ajuda muito não é?" (César Lourenço, 40 anos, engenheiro informático, Porto)



Discursos igualitários (encontrados principalmente em Lisboa) sugerem uma partilha equiparada

“Há uma regra que é importante que é não estar sentado no sofá enquanto ela está a fazer outras coisas” (Diogo Amaral, 28 anos, licenciado, professor universitário, Lisboa)

“Foi sempre assim desta forma. Se um vê que é preciso arrumar, não está à espera do outro” (Filipe Melo, 41 anos, sócio gerente empresa, Porto)

“Normalmente sou eu que cozinho, agora não tanto porque requer motivação. Sou eu que limpo o pó, sou eu que limpo as casas de banho, aspiro. A Leonor assume um bocado a tarefa da Mariana, arrumar a cozinha.. A roupa faz ela. Ir às compras vamos os dois. Há tarefas assumidas. Dantes até tínhamos um mapa. Está ela por ela, equilibrado.” (Daniel Fernandes, 31 anos, professor, Lisboa)

“Dividimos ao meio. Não sei se é isso que é justo mas... deve ser. Visto que ambos trabalhamos... e chegamos cansados a casa.” (João Martins, 33 anos, montador de ar condicionado, Porto)



Essas diferenças regionais tendem a desaparecer nos casais mais velhos

“Ela costuma fazer todas as tarefas domésticas. Ela é que sabe” (Afonso Pontes, 56 anos, 3º ano industrial, serralheiro mecânico, Lisboa)

“Faço mais do que ele, mas não me sinto mal com isso. É porque gosto, prefiro ter as coisas à minha maneira” (Elsa Oliveira, 60 anos, 2ª classe, empregada doméstica, Lisboa)

“É o dever de uma mulher. É estar em casa, tratar da lida da casa, preparar a roupa em condições, passar a ferro, pôr tudo em condições, e nada ao homem. Toda a vida ouvi dizer que a casa pertence mais à mulher do que ao homem. Os homens é para andar na rua e as mulheres é para estarem em casa” (Amélia Costa, 51 anos, empregada doméstica, reformada por doença, Lisboa)

“Ela vai fazendo e pronto é um serviço das mulheres, que é mesmo assim, e acho que faz bem feito. Portanto, também não estou muito tempo em casa, também não posso ajudar muito não é?” (Carlos Baptista, 45 anos, administrativo especialista, Leiria)



A incorporação dos papéis tradicionais é mais sentida junto dos operários

Tarefas domésticas enquanto construção identitária

“Muitos casais dividem e eu não condeno isso, concordo que há casais... Mas eu sou uma pessoa que gosto de trabalhar, gosto de fazer as coisas em casa também (...) acho que não há necessidade de o homem estar ali. Muitas vezes ele chega a casa [e ajuda em pequenas coisas] mas não sou eu que lhe peço (...) eu sou um bocadinho à moda antiga. Faço mas gosto de fazer”. (Graça Matias, 39 anos, empregada de supermercado, Leiria)

“Se uma pessoa tiver a casa arrumada é sinal que fazemos alguma coisa para que ela esteja sempre bonita não é? Cativa as pessoas” (Estela Ferreira, 31 anos, operaria fabril, desempregada, Porto)

“Se tivesse sido o homem que fosse obrigado, se calhar era ele que sentia essa obrigação, como fui educada que era a mulher sinto a obrigação de limpar. Depois também há uma satisfação, por exemplo quando eu estou de férias e que dou volta à casa toda, sinto uma satisfação.” (Juliana Dias, 45 anos, empregada de balcão, Leiria)

“É muito bonito quando ele chega a casa e já está tudo prontinho, tudo arrumadinho. Eu é que trato de tudo... ele vem cansado do trabalho e não vai agora estar a fazer as coisas da casa (...) Nem eu admitia. Eu acho que a lida da casa pertence à mulher e nada ao homem” (Amélia Costa, 51 anos, operaria fabril, Lisboa).

Assimétricos atenuados – visão mais instrumental das tarefas

Queixas mais sonoras ou mais desmaiadas

“Eu sou muito refilona e às vezes digo: “bem, podias-me ajudar a fazer mais alguma coisa”. Mas é só para desabafar, porque não adianta de nada, quanto mais eu me queixar menos eles fazem. Três homens!” (Júlia Jesus, 44 anos, doméstica, Leiria)

“Às vezes refilo um bocadito, quando ando cansada e vejo tudo para cima das minhas costas e refilo, mas não vale a pena, pronto, passou” (Armanda Serra, 46 anos, empregada doméstica, Leiria).

“Aconteceu assim, porque ele, na altura que foi criado, não é? Eram as mulheres que faziam as lides da casa. E depois eu também nunca lhe exigí, fui criada também assim (...) Agora ao fim destes anos todos, não aprendeu, não fez. Ele reconhece, reconhece que nós somos mais escravas do que os homens, mas vai continuar na mesma. Agora o que é que eu espero?” (Juliana Dias, 45 anos, empregada de balcão, Leiria)

“Já se sabe que a mulher fica sempre um bocado mais sobrecarregada, já se sabe, é assim.” (Anabela Canhoto, 41 anos, empregada doméstica, Lisboa)

“Não, não acho nada justo. Mas aceitei. Já sabia que ia ser assim”. (Olívia Salvador, 36 anos, técnica de formação profissional, Lisboa).

Sentimento face à divisão

Os mais satisfeitos tendem a ser os mais igualitários

“Acho que fazemos mais ou menos igual. Também ambos trabalhamos. Estou satisfeita”

(Eva, 31 anos, licenciada, psicóloga, Lisboa)

“Pois, sim [estou insatisfeita] mais por essa diferente perspectiva relativamente à arrumação da casa”

(Constança Couto, 33 anos, funcionária bancária, Porto)

“Eu dou-lhe aqueles serviços que eu sei que ele é capaz de fazer, que não é por ai nada além: o aspirar, não é nada complicado. Agora não lhe vou dar para lavar uma casa de banho, porque isso já sei que vai sair uma chafurdice, não é?”

(Dina Carvalho, 29 anos, empregada de bomba abastecimento GPL, Leiria)



Também satisfação por comparação à “regra geral”

“Eu acho que está bem assim. Eu acho que para a idade dele não é muito normal fazer tudo o que faz em casa. Os amigos ficam admirados. Acho que está equilibrado. Sim, estou satisfeita.” (Sónia Espadinha, 59 anos, professora, Lisboa)

- Os casais mais novos são os mais satisfeitos
- Entre os casais de 10 a 20 anos de relação, apenas em Lisboa estão mais satisfeitos
- Nos casais mais velhos, apenas os operários consideram a divisão justa e estão satisfeitos. Nos restantes casos existe o reconhecimento da injustiça mas os indivíduos estão conformados – apesar de algum sentimento de culpa por parte dos homens – e no caso dos mais qualificados a existência de empregada, para quem são delegadas as tarefas, facilita as dinâmicas quotidianas



O sentido da mudança

“O que é que uma pessoa pode mudar? Se não for a mulher a fazer, vai fazer quem? Só se for a empregada doméstica, mas isso sai caro”

(Carina Barros, 27 anos, auxiliar enfermagem, Leiria)

“Se pudesse não fazia nada. Tinha uma senhora a arrumar-me a casa”

(Marta, 32 anos, assistente marketing, Lisboa)

“Se pudesse ter a D. Deolinda, todos os dias de manhã, cá em casa a ajudas a fazer as coisas, para chegar a casa e ter tudo arrumadinho, isso era perfeito, mas não posso. Preferia só isso mesmo.”

(Célia Henriques, 31 anos, estudante universitária, Leiria)

“Preferia que tivesse alguém que pudesse ir lá todos os dias, ou então tentava equipar a minha casa com todo o tipo de máquinas possíveis que me pudessem auxiliar”

(Carlota Melo, 38 anos, professora, Porto)

Conclusões

- Longos horários de trabalho apontados como factor de stress e de pressão do trabalho sobre a família
- Mudança ideológica no sentido de uma maior igualdade
Ainda revestida de contradições
Jogo hierárquico de poder entre os parceiros na divisão das tarefas
- As mulheres continuam a desempenhar a maior parte do trabalho doméstico
- Os homens guardam para si as responsabilidades profissionais e afastam-se das tarefas legitimadas como femininas
- Mulheres numa situação desfavorável do ponto de vista do seu reconhecimento social - mas não parecem dispostas a enfrentar o ónus da conflitualidade nas negociações conjugais diárias que resultam da reconfiguração dos papéis de género



Conclusões (cont.)

Em Portugal

Contrastes ao nível regional, etário e de classe

Operários – incorporação acentuada dos papéis de género tradicionais nos discursos e nas práticas

- naturalização do cumprimento das tarefas domésticas

- Casais mais velhos

À medida que se avança para classes sociais com maiores rendimentos, qualificações escolares e profissionais, entra em cena a empregada doméstica, que alivia o trabalho e atenua o sentimento de injustiça

Os mais igualitários são os mais satisfeitos com a divisão

- Casais mais novos

- Lisboa

